

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O ENSINO REMOTO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DO IF SERTÃO-PE (CAMPUS FLORESTA)

EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: REMOTE TEACHING FROM THE PERSPECTIVE OF STUDENTS FROM IF SERTÃO-PE (CAMPUS FLORESTA)

Stefan Hubert¹
Susane Raphaella da Silva²
Michelle Mittelstedt Devides³

RESUMO: Este estudo teve como objetivo investigar as percepções dos estudantes de Ensino Médio do IF-Sertão (campus Floresta) acerca dos diferentes desafios enfrentados em sua experiência de Ensino Remoto. A pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória, realizada em 2020, envolvendo 203 estudantes do Ensino Médio Integrado. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um formulário eletrônico, contendo doze questões fechadas e uma aberta. Os resultados indicam que o Ensino Remoto é avaliado de forma negativa pelos estudantes, pois tem gerado dificuldades de aprendizagem em distintas áreas de conhecimento. Embora seja considerado o meio mais adequado, pelos estudantes, ao contexto atual, as medidas podem resultar em um quadro de exclusão, visto os déficits de aprendizado apresentados por parte significativa dos estudantes.

Palavras-chave: Educação; Pandemia; Ensino Remoto.

ABSTRACT: This study aimed to investigate the perceptions of high school students from IF-Sertão (campus Floresta) about the different challenges faced in their Remote Teaching experience. The research stands out as descriptive and exploratory, carried out in 2020, involving 203 students. As an instrument of data collection, an electronic form was used, containing 12 closed and one open question. The results indicate that

¹ Licenciado em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela UFRGS. E-mail: stefanhubert-777@hotmail.com.

² Licenciada em Ciências Sociais pela UFAL com Aperfeiçoamento de Tecnologias na Educação - IFMG, 2019. E-mail: susaneraphaella@gmail.com.

³ Graduada em Letras pela UEPG e Mestre em Letras pela Universidade de Marília (UNIMAR). Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação do IFMG - Campus Bambuí. E-mail: michelle.devides@ifmg.edu.br

Remote Education is evaluated negatively by students, as it has created learning difficulties in different areas of knowledge. Although it is considered the most appropriate means by the students, in the current context, the measures can result in a situation of exclusion, given the deficits of recovery by a significant part of the students.

Keywords: Education; Pandemics; Remote Learning.

INTRODUÇÃO

Consideradas as disparidades e desigualdades regionais encontradas num país de dimensões continentais como o Brasil, enumerar as diferentes dificuldades enfrentadas pela educação traz, além de inúmeros problemas, um enorme risco de incorrer em redundância. Há décadas tais questões são tratadas por especialistas de distintas áreas do conhecimento sob os mais variados pontos de vista. Entretanto, uma situação sem precedentes nos campos político, econômico e social como um todo tem sido provocada pela pandemia mundial do novo coronavírus (COVID-19) em 2020, trazendo nova problemática e novos questionamentos. Na área da educação particularmente, um grande desafio tem surgido diante do novo cenário, de reconfiguração ou suspensão das aulas, atingindo, conforme dados da Unesco⁴ – agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para Educação, Ciência e Cultura – cerca de 70% dos estudantes ao redor do globo. No Brasil a determinação de fechamento de instituições de ensino em todo o país tem sido o padrão adotado para atender à necessidade de isolamento social, como medida recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para prevenção da pandemia.

Como uma das soluções apontadas, muitas escolas das redes pública e privada substituíram suas atividades presenciais por atividades remotas baseadas no conceito de Educação a Distância (EaD), que pode ser definido como uma modalidade educacional em que o processo de ensino-aprendizagem ocorre com utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs) como base da mediação didático-pedagógica⁵. Diante da popularização dos meios tecnológicos, da entrada em cena dos computadores e da comunicação mediada por essas tecnologias, cabe destacar que tal contexto passa a ser o centro dos debates e discussões pedagógicas em torno da EaD (MEIRELLES; STEFFEN, 2015).

Seu crescimento foi expressivo na educação superior no Brasil ao longo das últimas décadas. Dados apontam que, em 2018, a estimativa era de que existiam cerca de 1,5 milhão de estudantes na modalidade EaD no ensino superior, um percentual de 18,6% do total de matrículas. Em 2004, eram apenas 60 mil, 4,2% do total⁶.

Em meio a pandemia de saúde pública causada pelo novo coronavírus distintos modelos de EaD, ou mais propriamente do controverso ensino remoto, foram

⁴ <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em 05 de nov. de 2020.

⁵ Embora a história recente da EaD se entrelace com as TICs, ampliando suas possibilidades, sua história é anterior aos avanços da tecnologia. Acerca da história da EaD ver: Alves (2011).

<http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf> Acesso em 19 de maio de 2020.

⁶ <<https://eadbox.com/perfil-aluno-ead-brasil/>> Acesso em 28 de maio de 2020.

alternativas encontradas por diversas instituições para a manutenção de seu cronograma letivo sem grandes prejuízos, ao oferecer disciplinas ministradas pelos professores em plataformas online, espaços virtuais e diferentes Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA).

Como solução, em diversos casos, a aposta na Educação a Distância (EaD) tem sido comum durante o período de isolamento social, com aulas presenciais sendo substituídas por distintas modalidades remotas de ensino, fato considerado inovador em determinados cenários, e nem tanto em outros, se levado em conta que as transformações globais das últimas décadas fizeram do mundo uma “Sociedade do Conhecimento”, transformando a relação com o saber naquilo que poderíamos considerar, uma Cibercultura, a exemplo do que denomina Levy (1999).

Diversas são as possibilidades pedagógicas que o suporte tecnológico oferece aos alunos, professores e demais profissionais envolvidos no campo da educação, e diante do cenário decorrente da pandemia do COVID-19 tais estratégias e metodologias têm sido encaradas como uma possibilidade de manutenção dos estudos na educação básica.

Entretanto, apesar do crescimento das propostas em discussão e adoção nas redes pública e privada do país, diversas são as dificuldades em que a EaD esbarra nesse nível de ensino, a começar pela falta de acesso à rede mundial de computadores, a utilização das ferramentas digitais por professores e alunos e o possível déficit no processo aprendizagem decorrente da falta de treinamento dos profissionais da educação e de adaptações metodológicas inadequadas (MÉDICI et al., 2020).

Tendo essas questões em vista, grosso modo, cabe lembrar que quando nos referimos a EaD, o conceito remete a uma proposta de ensino não-presencial, formal, estruturada, bem como baseada em suportes e possibilidades diversos de acesso a conhecimento em diversas áreas (MEIRELLES; STEFFEN, 2015), sem fazer menção, a um marco regulatório com regras explícitas e minimamente definidas.

Ao mesmo tempo, porém, em que a utilização de meios digitais e ferramentas tecnológicas descortina um mundo de possibilidades para os docentes e discentes da nossa sociedade do conhecimento, também, como mencionado, a situação desigual da estrutura e das políticas educacionais brasileiras torna o domínio das tecnologias, sobretudo as digitais, no campo educacional particularmente preocupante por uma série de razões, com destaque para a desigualdade de acesso e interação por parte dos estudantes, mas também pelos professores (ALVES, 2020).

Este artigo propõe discutir o ensino remoto na Educação Básica no contexto da pandemia do COVID-19. Para tal, realizamos um estudo de caso com alunos de Ensino Médio, que entendemos ser capaz de contribuir com o incipiente debate sobre a utilização de mecanismos de ensino remoto na Educação Básica em tempos de pandemia, refletindo sobre alguns de seus possíveis impactos.

A fim de cumprir com o exposto este texto encontra-se dividido em três partes às quais se somam essa introdução e as considerações finais. Na primeira parte tratamos brevemente alguns aspectos conceituais e teóricos acerca da EaD e do ensino remoto. Na segunda parte apresentamos a metodologia de pesquisa, e por fim, na terceira parte apresentamos e discutimos os dados empíricos coletados.

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O ENSINO REMOTO

A educação está mudando de forma bastante rápida, juntamente com os modos de acesso à informação e ao conhecimento em diferentes tempos e de diferentes lugares. A própria UNESCO (2012) reconhece a relevância da utilização de ferramentas tecnológicas voltadas à educação. É redundante, mas essencial, apontar quão necessário se faz considerar tais transformações no campo educacional decorrentes do acesso a novas tecnologias, sobretudo da forma cada vez mais veloz e recorrente (FIGUEIREDO; MEIRELLES, 2015).

A EaD já é há tempo suficiente um meio crescente de acesso à educação em cursos de nível superior. Porém, de forma acelerada, sem tempo hábil de adaptação e os necessários debates que os demais níveis de ensino tiveram à disposição, a adoção do ensino remoto na Educação Básica, tem sido vista como alternativa ao cenário de crise sanitária decorrente da pandemia do novo coronavírus, esbarrando em dificuldades diversas, que indicam a necessidade de certa cautela ante quaisquer decisões apressadas (MÉDICI et al., 2020).

É possível mencionar que a reforma educacional brasileira levada a cabo com a Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação⁷ (LDB) - oficializou a EaD no país como modalidade válida e equivalente para todos os níveis de ensino (fundamental, médio e superior). Entretanto, esse movimento foi mais forte no que diz respeito ao marco regulatório dos cursos de nível superior. Apesar de a legislação admitir que os sistemas de ensino possam autorizar a realização de atividades a distância nos seguintes casos: 1) ensino fundamental, nos termos do § 4º do art. 32 da LDB; 2) ensino médio, nos termos do § 11 do art. 36 da LDB; 3) educação profissional técnica de nível médio; 4) Educação de Jovens e Adultos (EJA); e, 5) Educação Especial. Há um elemento, porém, que gera discussões ao expressar quanto ao ciclo básico, que o ensino fundamental será presencial “[...] sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais” (BRASIL, 1996).

Com a afirmativa que destaca a possibilidade de flexibilização diante de cenários atípicos -- como o que estamos vivenciando -- encontra-se uma lacuna que no mês de maio de 2020, diante do enfrentamento COVID-19 (classificado como situação emergencial) sustentou a aprovação de uma Medida Provisória⁸ estabelecendo normas excepcionais sobre o ano letivo da Educação Básica⁹.

Nesse sentido, a questão da regulamentação do marco legal constitui um dos principais obstáculos a uma adequada discussão e implementação eficaz de um modelo que, ao que tudo indica, chegou rápido e de forma permanente para uma população, que somente no Ensino Médio, de acordo com dados do INEP10 (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) contempla cerca 6,9 milhões dos alunos matriculados nessa etapa de ensino, 82,4% deles em escolas públicas.

⁷ <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em 22 de maio de 2020.

⁸ MEDIDA PROVISÓRIA Nº 934, DE 1º DE ABRIL DE 2020. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Mpv/mpv934.htm> Acesso em 22/05/2020

⁹ Medida prorrogada por um período de mais 60 dias pelo Presidente do Senado Federal <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/ato-do-presidente-da-mesa-do-congresso-nacional-n-42-de-2020-258914904>>

¹⁰ <http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher> Acesso 14/05/2020

No que diz respeito aos demais níveis de ensino, aproximadamente 35,8 milhões de alunos do ensino fundamental, 32,4 milhões (90,5%) estudam em escolas públicas e apenas 3,4 milhões (9,5%) em escolas particulares. São números apenas, mas que por detrás implicam questionamentos diversos acerca do quão incerto é ainda o cenário da educação pós-pandemia. Isso visto que ainda virá o tempo em que devemos nos deparar com questões relacionadas à vulnerabilidade social entre muitos alunos, falta de acesso a tecnologias e materiais apropriados para os estudos, bem como a dificuldades de mediação pedagógica apropriada ao cenário específico do ensino remoto, em função da formação docente ser voltada fundamentalmente à realidade do ensino presencial (MÉDICI et al., 2020). Em suma, a pandemia do COVID-19 tornou o papel da escola e a necessidade de continuidade pedagógica o centro de um novo e amplo debate, no qual se coloca como imperativo discutir os rumos da educação, sua transformação diante dessa ruptura e surgimento de um novo paradigma (DE SÁ FILHO et al., 2019).

Tudo isso vem à tona num momento de crise que exige respostas rápidas, forçando uma reflexão sobre o cenário social em que se insere o sistema educacional brasileiro. Deve-se diferenciar, portanto, de maneira clara o “Ensino Remoto”, enquanto simplesmente uma tentativa de “reprodução” virtual das aulas na modalidade presencial em caráter temporário, de “Educação a Distância”, enquanto modalidade planejada regulamentada e que requer ampla conceituação didático-pedagógica (VIEIRA Jr et al., 2017). Nesse sentido,

EaD é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução; comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais. Na EaD se desenvolvem as mais variadas discussões, inclusive sobre uma forma sistematicamente organizada de auto-aprendizado, na qual o aluno organiza seus estudos a partir do material que lhe é apresentado, sendo o acompanhamento e a supervisão do processo de ensino/aprendizagem desenvolvidos por um grupo de profissionais (ALVES et al., 2016, p. 17).

O conceito de EaD, portanto, como visto, e nos termos de Moran (2002), pode ser definido como o processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias responsáveis por estabelecer a relação entre professores e alunos separados espacial e/ou temporalmente, constituindo uma “alternativa pedagógica de grande alcance” (PRETI, 1996, p.26).

Em contrapartida, se a conectividade pode e deve ser utilizada como recurso educacional pelas vantagens que tem a oferecer, fica patente a necessidade de um plano de trabalho estruturado, capaz de manter a condição do estudante enquanto sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem (MÉDICI et al., 2020). Pois se há vantagens, também há questões problemáticas a serem consideradas: “o que as novas tecnologias podem nos trazer são oportunidades ainda mais ampliadas, em meio também a enormes riscos e desacertos” (DEMO, 2009, p.53).

METODOLOGIA

Desenho do estudo

Esta pesquisa teve caráter exploratório e se define como um Estudo de Caso de abordagem essencialmente quantitativa -- embora com uma questão aberta de tipo qualitativo, permitindo aos respondentes expressar sua opinião de forma livre -- focando a experiência de Ensino Remoto no IF SERTÃO-PE (Campus Floresta).

O campus Floresta do IF Sertão-PE foi implantado em 2009 e localiza-se no município de Floresta-PE, distante 433 quilômetros de Recife, contando ao todo com oito cursos, nas modalidades Médio Integrado (Agropecuária, Informática), Subsequente (Agropecuária), Subsequente EaD (Manutenção e Suporte em Informática), Proeja (Administração), Superior (Gestão de Tecnologia da Informação e Licenciatura em Química) e Pós-Graduação (Educação Intercultural: Indígenas e Quilombolas).

O presente estudo teve como intuito levantar informações capazes de fornecer elementos para compreender as percepções dos estudantes dos cursos de Ensino Médio Técnico Integrado (Agropecuária e Informática) a respeito da experiência com o Ensino Remoto vivenciada no Campus, no decorrer do ano de 2020 em função da pandemia de COVID-19. Foram realizados questionamentos como: acesso à internet; familiaridade com o formato EaD e as plataformas digitais; local de moradia, acesso à computador e smartphones, além da opinião sobre as aulas na modalidade de ensino remoto.

Instrumentos de coleta e análise dos dados

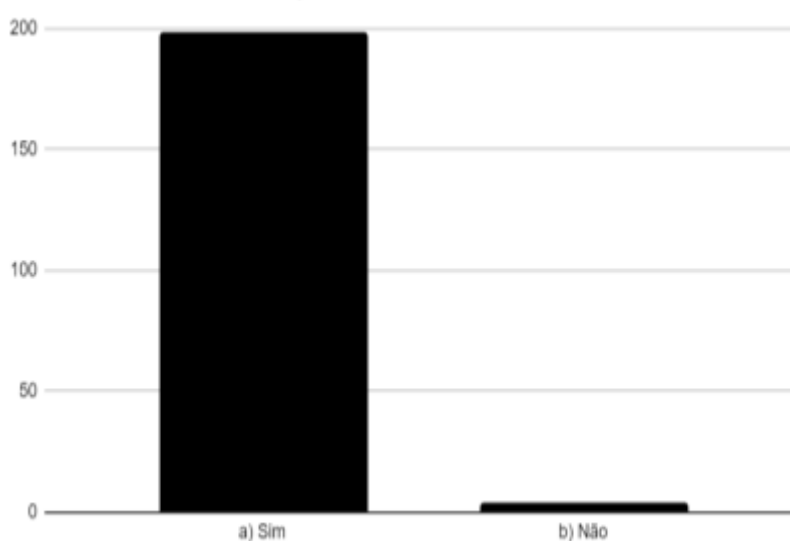
A coleta de dados foi realizada entre os dias 02 e 15 de dezembro de 2020, por meio de um formulário eletrônico (Google Forms)¹¹. O questionário foi elaborado no Google e encaminhado aos alunos após aprovação desta pesquisa frente ao Comitê de Ética (Plataforma Brasil) e da Coordenação dos cursos da instituição, sendo garantido o anonimato dos respondentes. Ao todo o instrumento de coleta de dados continha doze questões fechadas de viés quantitativo. Entretanto, também foi inserida no questionário uma variável de cunho qualitativo, que tinha como objetivo exprimir o olhar do aluno diante sua aprendizagem de forma remota.

Resultados e discussões

A amostra total dos alunos entrevistados de forma online foi de 203 alunos, matriculados nos cursos de Ensino Médio Técnico Integrado (Agropecuária e Informática), sendo respectivamente 121 e 80 alunos. Os alunos são na sua maioria residentes nas regiões que o IF Floresta atende a zona urbana correspondendo a 78,3% e 21,7% na zona rural. Em relação ao acesso à internet, constatamos que, de acordo com o Gráfico 1, 93,2% relatam acessar a internet desde suas casas, enquanto o restante (5,9%) obtém acesso a partir da casa de parentes. Além disso, utilizam, na maioria das vezes, o smartphone.

¹¹ Link do formulário disponível em: <<https://forms.gle/eRGvhP3bBjiwTU78>>

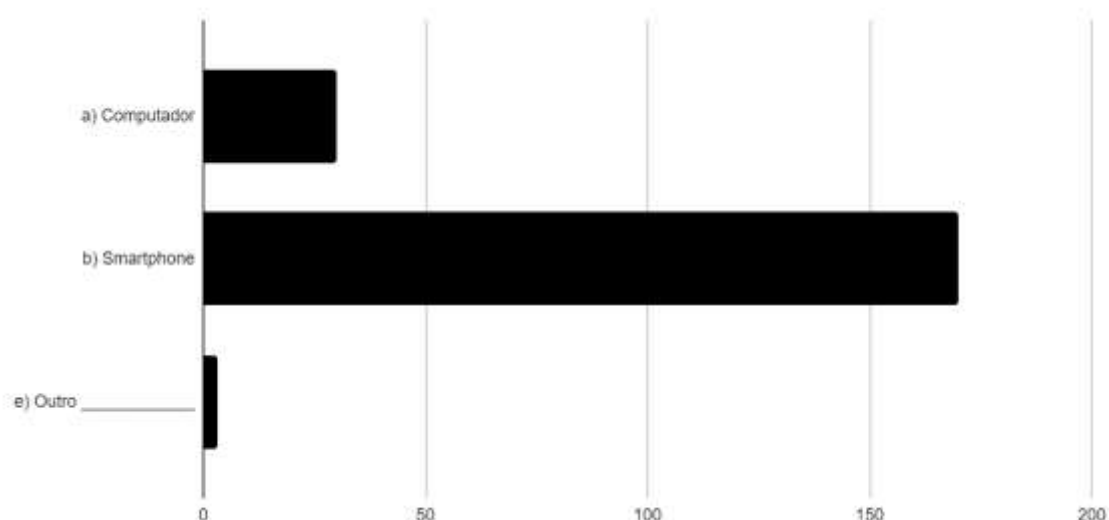
Gráfico 1- Acesso à Internet



Fonte: os autores

Os alunos utilizam para acessar as aulas remotas (Gráfico 2): 83,7% Smartphone 14; 8% computadores, 1,5% outros, não especificados.

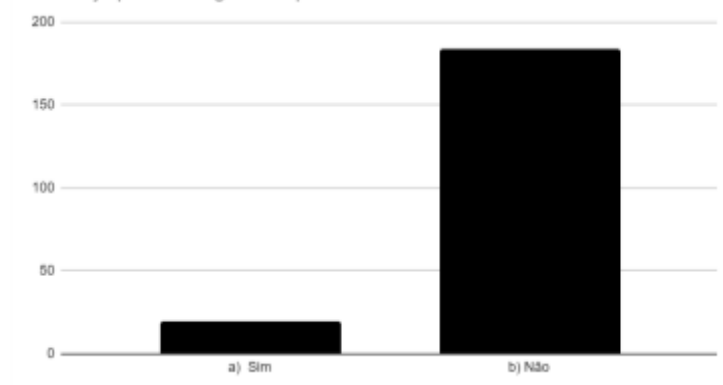
Gráfico 2 - Forma de acesso à Internet



Fonte: os autores

Vale destacar que para a maioria dos estudantes pesquisados, a realidade do ensino remoto pode ser encarada como uma completa novidade, visto que há a falta de habilidade na utilização por parte dos professores e alunos em usar os meios digitais, gerando estresse emocional, conforme alguns alunos relataram na pesquisa. Tal afirmação pode ser confirmada pelos dados apresentados Gráfico 3, 184 alunos (90,6%) não possuíam qualquer tipo de experiência com aulas na modalidade a distância.

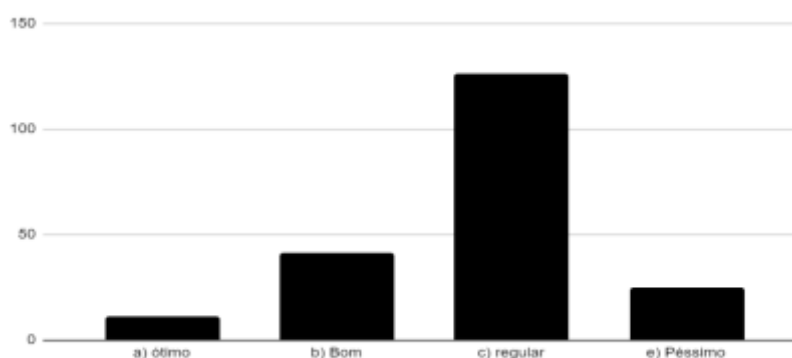
Gráfico 3 - Experiência anterior com EaD



Fonte: os autores

A pesquisa apontou que a modalidade de ensino remoto é um modelo aceitável pelos alunos, no entanto há comprometimento na aprendizagem devido à dificuldade de concentração se comparado às aulas presenciais, evidenciando baixo rendimento nos estudos diante de uma auto avaliação. Os dados demonstram (Gráfico 4) que a percepção sobre a viabilidade dessa prática é adequada devido ao cenário de emergência, no entanto não é a melhor opção para o processo de ensino e aprendizagem. Logo os percentuais ficaram assim: ótimo ficou 5,4 %, Bom 20, 2%, regular 62,1% e péssimo 12,3%.

Gráfico 4 - Avaliação do Ensino Remoto



Fonte: os autores

As dificuldades apresentadas sobre as aprendizagens dos alunos (Gráfico 5) se deram em torno dos exercícios 27%, vídeos 24,1%, internet ruim 23,6 %, material didático 14,8 %, sendo que apenas 10 estudantes, (3%) apontaram não ter apresentado nenhum tipo de dificuldade. A esse respeito, apontamos um exemplo de relato de um dos alunos participantes:

A forma de ensino atual é totalmente desmotivante, os métodos que cada professor adotou são diferentes, alguns acabam não nos favorecendo na hora do aprendizado, já que em muitos momentos nós temos que “nos virar” em busca dos conteúdos para fazer as atividades, além da quantidade de atividades que nos deixam sobrecarregados.

Há como pressupor, a partir dessas informações, que as dificuldades em relação às videoaulas e exercícios têm fundamento na falta de interação ou mediação pedagógica, resultantes da mera transposição da dinâmica das aulas presenciais para o ambiente virtual (VIEIRA Jr et al) ocorrida com a adaptação apressada resultante do contexto de crise gerado pela pandemia.

Gráfico 5 - Principais dificuldades de aprendizagem



Fonte: os autores

As dificuldades enfrentadas pelos alunos em relação à adaptação ao ensino remoto podem ser verificadas também em outro conjunto de questões, relacionadas à realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) correspondente ao ano de 2020. Quando questionados a respeito das possíveis razões que os levariam a não realizar o ENEM (Gráfico 6), 36% apontaram, como mencionado anteriormente, dificuldades no aprendizado, no decorrer do ano de 2020. Também a segunda resposta com maior incidência (35%) aponta numa direção similar quando os estudantes indicam a necessidade de um maior tempo de preparo para a realização da prova. Por fim, 26,1 % responderam que por outros motivos (não especificados) e apenas 3% podem não fazer por necessidade de ingressar no mercado de trabalho.

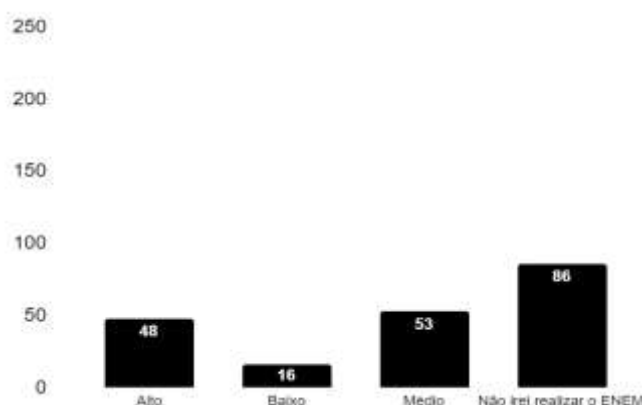
Gráfico 6 - Principais dificuldades de aprendizagem



Fonte: os autores

Quando questionados a respeito de sua intenção de realizar o ENEM, 42,4% dos estudantes (Gráfico 7), ou seja, 86 alunos da amostra afirmaram que não pretendiam realizar a prova, notando-se de forma preocupante que dentre os demais, uma grande parcela considera ter sofrido um déficit em seu aprendizado com os estudos em ensino remoto, sendo que respectivamente 23,6% e 26,1% dos alunos apontaram esses déficits como alto e médio. Nenhum aluno na amostra respondeu afirmativamente não ter sofrido nenhuma deficiência com essa modalidade de estudo.

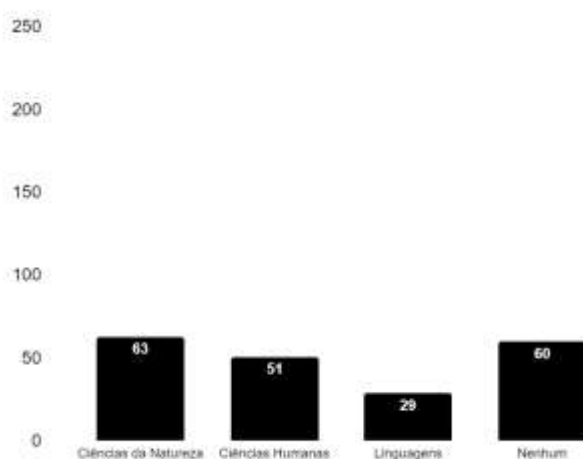
Gráfico 7 - Déficit no aprendizado com Ensino Remoto



Fonte: os autores

Acerca das disciplinas, os alunos relataram em resposta à questão de caráter qualitativo que a utilização de diferentes métodos adotados pelos professores, não favorece na o aprendizado. Em muitos casos, mesmo acreditando possuir capacidade de autonomia ao buscar novas referências, esta tarefa é dificultada pela falta de orientação adequada. Além disso, uma sobrecarga de atividades, exercícios e testes aumentar parece aumentar a carga emocional do aluno. Assim demonstrando uma maior dificuldade (Gráfico 8), as Ciências da Natureza apresentaram maior percentual com 31%, seguidos das humanas 25,1 %, Linguagens 14,3% e 29,6 % informam que não tiveram dificuldade.

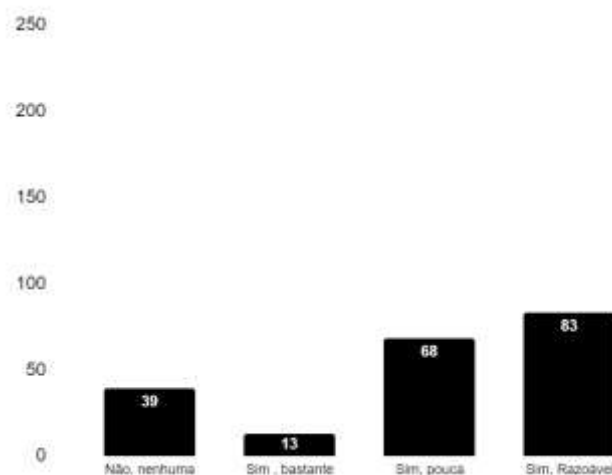
Gráfico 8 - Dificuldades de aprendizado x área



Fonte: os autores

Concluindo a análise, os estudantes foram questionados se apesar das dificuldades apresentadas houve um avanço na autonomia discutida geralmente na defesa do ensino EaD (Gráfico 9). Trinta e nove (19,2%) dos respondentes consideraram que não houve desenvolvimento de maior autonomia, contra cento e sessenta e quatro (80,8%) que afirmaram ter desenvolvido alguma autonomia. Os percentuais apontam uma visão positiva, ainda que tímida, a respeito desse tópico, visto que para apenas 13 (6,4%) houve bastante autonomia.

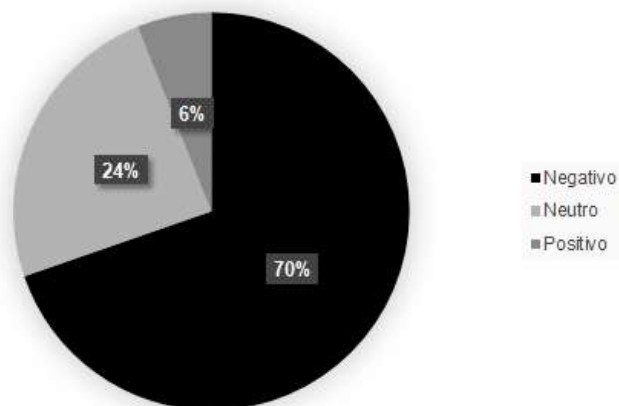
Gráfico 9 – Desenvolvimento de autonomia



Fonte: os autores

Como última pergunta do questionário foi dada a possibilidade de uma resposta aberta de tipo qualitativo, de modo a permitir que os alunos pudessem registrar em algumas palavras sua perspectiva acerca da modalidade de ensino remoto vivenciada no ano de 2020. Dos 203 respondentes da amostra total, 33 estudantes (16,3%) fizeram algum comentário mais específico, que de modo geral podemos visualizar no Gráfico 10, o tipo de experiência vivenciado segundo algumas categorizações realizadas.

Gráfico 10 – Experiência dos Alunos



Fonte: os autores

O gráfico acima, numa análise mista, demonstra as perspectivas dos alunos acerca de sua experiência com a modalidade de ensino remoto categorizadas a partir de respostas de cunho qualitativo. Podemos vislumbrar uma alta experiência negativa (70%) em comparação a 24% enfrentando a situação com neutralidade, e um discurso menor de 6% dos respondentes afirmando terem se adaptado e assimilado bem a nova modalidade de ensino imposta pelas circunstâncias do cenário atual de pandemia de saúde pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada evidencia que diante do contexto inusitado e das condições impostas pela ocorrência da pandemia do COVID-19, uma série de mudanças foram necessárias a fim de que fossem adotadas medidas de prevenção para evitar a disseminação do novo vírus. A sociedade como um todo sofreu demandas, no sentido de repensar relações sociais, econômicas, de trabalho e etc. No campo da educação, não foi diferente, tendo em vista que se apressou “[...] a passagem do paradigma dialógico para o digital!” (MÉDICI et al., 2020, p. 152).

A partir dos dados apresentados confirma-se o alcance das tecnologias conforme Preti (1996), mas os “riscos e desacertos” segundo Demo (2009) ficaram evidentes, pois a maioria dos alunos demonstrou preocupação com o déficit em sua formação, preferindo não realizar a prova do ENEM; além disso, a adoção do ensino remoto baseado na perspectiva da EaD não garantiu a autonomia dos estudantes para a adequação no processo de ensino e aprendizagem.

Os resultados encontrados indicam que o Ensino Remoto é avaliado de forma negativa pelos estudantes, pois têm gerado dificuldades de aprendizagem em distintas áreas de conhecimento. Embora seja considerado o meio mais adequado, pelos estudantes, ao contexto atual, as medidas podem resultar em um quadro de exclusão, visto os déficits de aprendizado apresentados por parte significativa dos estudantes.

Nesse sentido, as respostas recebidas demonstram que para os estudantes houve dificuldades em construir uma relação de autonomia no processo de ensino-aprendizagem e de busca do conhecimento. A interação entre professor e aluno foi comprometida, nessa passagem apressada do paradigma presencial para o digital, indicando que a escola possui, ainda, um papel destacado como espaço de educação e que embora auxiliada e mediada por tecnologias, a figura docente não pode ser substituída.

Entretanto, apesar das dificuldades encontradas, não podemos nos eximir de observar a realidade e suas transformações de maneira crítica e quiçá construtiva. Pois se os resultados obtidos demonstram que essa nova realidade, implementada às pressas no contexto educacional brasileiro, deixará marcas indeléveis, ao mesmo tempo “não se trata [...] de ser contra o uso de tecnologias no espaço escolar, e sim de inseri-las de forma consciente para que nos auxiliem na melhoria da qualidade do ensino”, como afirmam Médici et al (2020, p. 152). Em suma, as mudanças exigem a realização de um amplo debate acerca do ocorrido e seus efeitos, bem como reflexões sobre o porvir e suas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Maria Teixeira; ALVES, Mariana Aparecida Teixeira; VIANA, Aleksandre Rocha. **Educação a Distância: análise das perspectivas e avanços da metodologia de ensino na construção do conhecimento**. Revista Multitexto,, v. 3, n. 2, p. 16-19, fev. 2016. Disponível em: <<http://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/137>>. Acesso em: 14 maio 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 21 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 29 mai. 2020.

DEMO, P. Aprendizagens e novas tecnologias. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**. Cristalina, v.1, n.1, p.53-75, ago. 2009.

DE SÁ FILHO, Paulo; CAMARGO, Flávio Pereira; CARVALHO, Marco. Ferramentas Educacionais Baseadas em M-Learning: Estudo de Caso no Núcleo de Educação à Distância do SENAI Goiás. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 18, n. 1, p. 30-30, 2019.

FIGUEIREDO, C. A. S.; MEIRELLES, M.. Educação em tempos de cibercultura: democracia, processo de construção do conhecimento e uso de novas tecnologias em sala de aula. In: MEIRELES, M. et al. (Org.). **Repensando o lugar da Sociologia e o uso das novas tecnologias**. 1ed.Porto Alegre: CirKula, 2015, v. , p. 343-358.

MÉDICI, Mônica Strege; TATTO, Everson Rodrigo; LEÃO, Marcelo Franco. Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. **Revista Thema**, v. 18, p. 136-155, 2020. Disponível em: <<http://periodicosnovo.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/1837/1542>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MEIRELLES, M.; STEFFEN, C. Redes sociais na Educação: emerge um novo paradigma para se pensar a Educação a Distância e o processo formativo de professores para o século XXI?. In: MEIRELES, M. et al. (Org.). **Repensando o lugar da Sociologia e o uso das novas tecnologias**. 1ed. Porto Alegre: CirKula, 2015, v. , p. 313-341.

MORAN. José. **Tablets para todos conseguirão mudar a escola?** Disponível em:<<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2014/03/tablets.pdf>>. Acesso em: 08 nov 2020.

PRETI. Oreste. **EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: uma prática educativa mediadora e mediatizada**. Disponível em:<http://uab.ufmt.br/uploads/pcientifica/ead_pratica_educativa.pdf>. Acesso em: 01 nov 2020.

STEFFEN, C. ; MEIRELLES, M. . O Y e Z da questão: as novas gerações e a reconfiguração da educação a distância. In: MEIRELES, M. et al. (Org.). **Repensando o lugar da Sociologia e o uso das novas tecnologias**. 1ed.Porto Alegre: CirKula, 2015, v. , p. 359-375.

UNESCO. **Children With Disabilities**. 2012. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/education/themes/strengthening-education-systems/inclusive-education/children-with-disabilities/>>. Acesso em: 21 de jan. 2021.